



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

RENATA DANTAS BARBOSA

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAJAZEIRAS - PB

2009

RENATA DANTAS BARBOSA

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Plena em Pedagogia do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.**

Orientadora: Professora Dr^a Idelsuite de Sousa Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



B238p Barbosa, Renata Dantas.
O processo de aquisição da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental / Renata Dantas Barbosa.- Cajazeiras, 2009.
28f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Compreensão leitura. 3. Processo de aquisição de leitura. 4. Níveis de leitura. I. Lima, Idelsuite de Sousa. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 028

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por me dar força e coragem para enfrentar as dificuldades;

Aos meus pais e a meu esposo por ajudarem e acreditarem em mim;

A meus mestres e meus alunos por contribuírem para que este trabalho fosse realizado.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
Tem mil faces secretas sob a face neutra
E te pergunta, sem interesse pela resposta,
Pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

O presente trabalho sobre “o processo de aquisição da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental” apresenta os resultados de uma pesquisa acerca dos níveis de desenvolvimento em leitura dos alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental. O mesmo tem como objetivos: investigar o nível de compreensão de leitura de cada aluno, identificar as dificuldades dos alunos em relação à leitura e compreender como se dá o processo de aquisição de leitura pelos alunos. A propósito, foi utilizado como instrumento de coleta de dados testes de leitura e interpretação a fim de identificar o nível de leitura desses alunos. Os testes realizados foram elaborados a partir de uma adaptação dos estudos de Ferreiro (1995). Os testes foram realizados tendo por base uma sequência de palavras e frases, da simples para a mais complexa, em que os alunos liam e interpretavam tais textos. Os dados analisados a partir de autores estudados. O resultado desse estudo mostra a heterogeneidade dos níveis dos alunos pelas especificidades de cada um em relação à leitura e interpretação.

Palavras chave: processo de aquisição da leitura, níveis de leitura, alunos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO I REFERENCIAL TEÓRICO.....	08
CAPÍTULO II PERCURSO METODOLÓGICO.....	14
CAPÍTULO III ANÁLISE DOS DADOS.....	15
CAPÍTULO IV ANÁLISE DO ESTÁGIO CURRICULAR.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24
ANEXO	26

Introdução

A leitura tem uma importância relevante na vida das pessoas, tendo em vista a relação que a mesma tem na vida cotidiana. A leitura é essencial e tem uma grande valia porque leva à aquisição e ampliação de conhecimentos, desenvolve o senso crítico, a oralidade e a capacidade de expressão. Proporciona, ainda, o alcance de informações sobre diversos assuntos, além de ser meio de entretenimento e prazer para muitos.

Convivemos diariamente com a leitura e esta começa a ser introduzida na nossa vida desde o momento em que nascemos, quando começamos a sentir, perceber e entender o que nos cerca. A leitura é uma atividade complexa, constituída por múltiplos processos e a escola tem a incumbência de ampliar e transformar esses conhecimentos prévios em códigos com sons e formas que tomarão sentido e significado.

É a partir dessa ampliação da visão de mundo que podemos construir novas possibilidades de comunicação e inserção dos nossos alunos no universo cultural e letrado. No entanto, alfabetizar não é fácil, visto a complexidade que permeia este ensino.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Lopes da Silva, a qual leciono, a maioria dos alunos chegam ao 3º ano, lendo, interpretando e escrevendo bem. Outros, no entanto, ainda estão longe de alcançar este patamar, ou seja, não conseguem ler ou leem pouco.

Esse fato impulsionou-me o desejo de realizar estudos acerca do assunto. Na qualidade de professora, senti a necessidade de entender o processo de alfabetização dos alunos e o nível de leitura em que estes se encontravam.

Para a realização deste trabalho defini como objetivos investigar o nível de compreensão de leitura identificando a dificuldade de cada aluno e compreender como se dá o processo de aquisição de leitura.

Investigar esse processo é favorecer o entendimento de situações de leitura e como esta se dá, ao mesmo instante em que orienta com eficácia a aprendizagem na alfabetização.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: a princípio, apresento a introdução expressando a importância do trabalho e do tema estudado. O primeiro capítulo compõe o aporte teórico com a contribuição de vários autores que deram sustentação a este trabalho, os quais destaco: Kramer (1986), Lemle (1998), Ferreiro (1993;1999;1995), Martins (1994), PCN (Brasil, 1997), Feil (1985), Grossi (1990), Fulgêncio (1998), Soares (2008), dentre outros. No segundo capítulo apresento a metodologia utilizada para esta pesquisa. A análise dos dados recolhidos nesta pesquisa encontra-se no capítulo III. No quarto capítulo descrevo a experiência e a análise das atividades no período do estágio curricular. Por fim, listo as indicações bibliográficas utilizadas para este estudo e em seguida, o anexo composto pelo Projeto de Ação Docente para a realização do Estágio Curricular.

Referencial Teórico

Este trabalho tem como base os estudos de Emilia Ferreiro (1993, 1995, 1999) que evidencia a aquisição de conhecimento pela criança como uma construção processual que vai muito além do acúmulo de informações. Para esta autora "a construção de um objeto de conhecimento implica muito mais que mera coleção de informações" (FERREIRO, 1995:66).

A leitura é um processo de construção que não pode limitar-se apenas a decifração da escrita, mas comporta também a capacidade de desenvolver e diversificar as visões e interpretações sobre o mundo e a vida como um todo.

De acordo com Martins (1994:22):

Se o conceito de leitura está geralmente restrito a decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição, à sua capacidade para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural.

O indivíduo atinge o pleno domínio da leitura quando há uma relação entre o seu conceito e sua aprendizagem. Dessa forma, o domínio de habilidades de leitura é condição essencial para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo, deve formar o sujeito para viver e atuar na sociedade.

A leitura deve, então, propiciar o desenvolvimento de habilidades e valores necessários à qualidade de vida, à participação social e à autonomia para que o aluno continue aprendendo. É fundamental entender que na formação de cada cidadão a leitura é de máxima importância, pois revela-se como uma das vias no processo de construção do conhecimento, como fonte de informação e formação cultural.

Para Ferreira e Dias (2002:4),

ao ler, o indivíduo constrói os seus próprios significados, elabora suas próprias questões e rejeita, confirma e/ou reelabora as suas próprias respostas. É ele quem inscreve ou reinscreve o significado do escrito a partir de sua própria história.

A partir da leitura o sujeito é capaz de ouvir, analisar criticamente diferentes discursos, expressar idéias próprias com clareza, enfim, a leitura se configura como um poderoso instrumento de libertação na vida do homem.

Uma das maiores responsabilidades da escola e, talvez o seu maior desafio, seja o de oportunizar aos alunos a aprendizagem da leitura e da escrita, uma vez que a aprendizagem técnica, por si só, não contempla o processo mais amplo da apropriação da linguagem escrita. É um processo bastante complexo.

Segundo Soares (2008:17):

A plena inserção no mundo da escrita, pelo exercício competente da leitura e da escrita, envolve pelo menos três complexas dimensões que se articulam e que se completam: uma dimensão lingüística, uma dimensão cognitiva e uma dimensão sociocultural.

A dimensão lingüística corresponde à conversão da fala em escrita que é o momento em que a criança domina o sistema alfabético e ortográfico. Um momento em que "as crianças 'se sentem especialmente fracas e inseguras perante seus próprios julgamentos quando ainda não podem ler adequadamente'" (FRANCHI, 1995:92).

O processo de aquisição do código e produção de significado e sentido que está relacionado à dimensão cognitiva envolve as atividades da mente em relação ao sentido da escrita. Fulgêncio e Liberato (1998) afirmam que "a leitura é mais eficiente na medida em que o leitor consegue compreender o texto". O texto precisa ter sentido para o leitor. Ele deve entender o que está sendo lido.

A dimensão sociocultural diz respeito ao ajuste das atividades de leitura e escrita às práticas sociais, ou seja, a leitura e a escrita devem se adequar ao mundo sociocultural da criança. Segundo Feil (1985:65), "para tornar viável a leitura como um processo de relação entre o domínio da mecânica e o pensamento, é absolutamente necessário recorrer ao método natural, trazendo a vida para dentro da escola". É preciso que haja interação da leitura em situações reais, partindo do cotidiano e das necessidades da criança.

Segundo os PCN's (1997:56), "para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os leitores fazem deles e participar

de atos de leitura de fato". Isto é, para ter uma aprendizagem expressiva da leitura é preciso ter contato com textos vivos, reais e significativos desde o início da fase escolar para que a criança adquira a capacidade de fazer uso cotidiano das diferentes práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade.

Dessa forma, "a leitura é um objeto de uso social, com uma existência social (e não apenas escolar)" (FERREIRO, 1995:37). A leitura não pode ser apreendida apenas para fins escolares e acabar na escola. Ela, associada à escrita, compõe um objeto social. Sendo percebida como prática escolar, muitas vezes, fica esquecida quando a criança deixa a escola.

Nas sociedades letradas, as crianças convivem desde cedo, com materiais impressos ricos e variados, que estimulam e provocam sua curiosidade, fazendo com que cheguem à escola trazendo muitas hipóteses e conhecimentos construídos sobre ler e escrever. "A criança que cresce em um meio letrado está exposta à influência de uma série de ações. E quando dizemos ações, neste contexto, queremos dizer interações" (FERREIRO, 1995:59). A criança é privilegiada ao conviver num ambiente letrado, já que este influencia no seu processo de aprendizagem.

Já no meio rural, Ferreiro (1995) diz que as crianças estão em prejuízo em relação às urbanas, uma vez que o espaço rural não favorece o processo de leitura, onde a escrita não é tão presente como no meio urbano. Diante disso, percebe-se a grande importância de uma sala de aula ter os mais variados tipos de textos. A autora comenta que "torna-se grave precisamente quando o ambiente escolar é praticamente o único ambiente alfabetizador existente" (1995:101). Isto dificulta a realização das atividades e, conseqüentemente a aprendizagem.

Durante todo o processo de aprendizagem de leitura, a criança passa por estágios de confusão cognitiva quando ela deverá aprender algumas letras, identificar globalmente algumas palavras e refletir sobre, reconhecer que é necessário identificar palavras para se chegar ao sentido do que está escrito, enfim, todas estas descobertas parecem ser as tarefas mais complicadas que ela tem de enfrentar até a aquisição do pleno domínio da leitura. "A leitura também, como não poderia ser diferente, passa por fases que devem ser observadas antes de pretendermos exigir da criança uma leitura que esteja além ou aquém de suas capacidades" (FEIL, 1985:66). A criança não aprende de repente. A autora cita três fases da leitura que vão se evoluindo com o passar do tempo, com a evolução do pensamento:

Primeira infância (15/18 meses aos 3 anos) que é caracterizada pelo movimento e emotividade. A criança tem a necessidade de contatos afetivos e inicia-se a conquista da linguagem.

Segunda fase (3 aos 6 anos) é a fase da pré leitura caracterizada pela fantasia e pela imaginação e, portanto, lúdica. Nesta fase a linguagem já está estável.

Terceira fase (6 aos 8 anos) é o período do processo de alfabetização onde a criança já tem o pensamento racional e social. Ela começa a pensar antes de agir.

Existe uma preocupação por parte dos pais em relação à aprendizagem da leitura e da escrita dos filhos a partir do momento em que eles ingressam na escola. Fica claro que, a leitura deve acompanhar e se adequar a cada fase de desenvolvimento da criança. Não adianta querer que a criança se alfabetize repentinamente. Segundo Feil (1985:69):

Os pais que exigem alfabetização precoce poderão prejudicar o desenvolvimento futuro de seus filhos, pois estarão impedindo que a criança passe por todas as fases de desenvolvimento de seu pensamento.

A criança precisa de "espaço" para fazer suas produções espontâneas. É através dessas produções que começa todo o processo de leitura e escrita. As escritas infantis conceituadas como garatujas podem fornecer preciosas informações de como a criança está aprendendo. Começa-se, então, o processo de alfabetização.

O processo de alfabetização passa necessariamente por quatro níveis caracterizados por Ferreiro e Teberosky (1985) pelas hipóteses pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

No primeiro nível, a princípio, a criança não faz relação entre a escrita e a fala. A escrita representa o nome do objeto, tendo o desenho como apoio da escrita. Não há um critério definido de quantidade de sinais gráficos para uma palavra e, portanto, a escrita não é interpretável. Para Ferreiro, (1995:18) "a aparência gráfica não é garantia de escrita, a menos que se conheçam as condições de produção". Ou seja, é preciso aprender a interpretá-las, o que se exige um profundo esforço de estudos teóricos.

Num segundo momento desse nível sinais gráficos tomam forma e se aproximam das letras convencionais ampliando o repertório de gráficos, a escrita passa a ter uma variedade de letras e nenhum escrito pode ter ao mesmo tempo a mesma letra. A partir desse momento inicia-se um critério de quantidade mínima de letras para que torne possível a leitura da palavra. Para Silva, (2004:189), "a criança elabora, igualmente, critérios que tornam uma série de letras passíveis de transmitir uma mensagem". A leitura é global, assim cada letra vale como parte do todo e não tem valor em si mesma.

O segundo nível, o silábico, avança para a qualidade e a quantidade de letras entre as palavras, ou seja, há uma variação da ordem das letras, diferenciando uma palavra da outra de modo que seja interpretável, garantindo as diferenças na representação das palavras. Mantém-se o critério de quantidade mínima de letras para escrever as palavras existindo uma preocupação com as partes que compõem uma palavra. A escrita representa os sons da fala embora, muitas vezes, qualquer letra represente um som, inclusive sinais gráficos distantes das formas das letras. A escrita aqui continua incompreensível pelos outros.

Segundo Silva (1998:15) "a hipótese silábica é uma construção da criança, que não é transmitida pelos adultos e pode coexistir com formas estáveis, isto é, palavras que a criança aprendeu a escrever globalmente". É uma etapa em que se ampliam os conflitos, uma vez que as letras começam a adquirir valores sonoros e surgem as contradições entre a interpretação silábica e as escritas dos adultos (que terão mais letras do que a hipótese silábica).

O terceiro nível representa a transição entre a hipótese silábica e a alfabético. Representa a fonetização da escrita, quando a criança procura relacionar a totalidade da palavra e suas partes fazendo a correspondência entre a letra e seu valor sonoro, embora nem todos os fonemas das palavras sejam representados, ou seja, a criança escreve parte da palavra com uma letra (porque basta para escrever uma sílaba) e outra parte analisando os fonemas.

O quarto nível do processo de aquisição da escrita culmina com a compreensão do mecanismo da escrita, quando a criança descobre que uma sílaba pode ter mais de uma letra e faz total correspondência entre grafia e fonema.

Sabe-se o quanto é difícil o papel do professor alfabetizador. Sua tarefa é árdua, visto que ele deve estar atento às diversas fases caracterizadoras de seus níveis de desenvolvimento oral, escrito e, sobretudo, lingüístico. Como afirma Orlandi (1983:12):

Aqueles que formam leitores desempenham um papel político que poderá estar ou não comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da força da reprodução e, ao mesmo tempo do espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura [...]

Educadores comprometidos com a transformação social e com a formação de cidadãos conscientes fazem um plano ou projeto voltado para o fortalecimento da alfabetização e, conseqüentemente para uma leitura eficiente.

Desde cedo na escola a leitura deve ser valorizada e requisitada, como conseqüência disso, a escrita se pautará por padrões de perfeição. As estratégias de leitura devem ser feitas em sala de aula sempre tomando por base o texto e isso deve ser feito já desde a alfabetização. Sobre isso Ferreira (2008:18):

Como objeto de conhecimento que é, a leitura precisa ser explicitada. Deste modo, defende-se que as estratégias de leitura precisam ser ensinadas para que o leitor-aprendiz se torne um leitor autônomo e competente.

Cada criança, na sua individualidade, passa por processos ou níveis que caracterizam o seu desenvolvimento na leitura. O começo de tudo dar-se na alfabetização onde planta as primeiras sementes de uma leitura fluentemente competente.

O processo de aquisição da leitura é lento, passa por fases caracterizadas por suas capacidades próprias de cada período de vida da criança. A alfabetização é a gênese do aprendizado e, por isso deve ser bem feita, bem trabalhada. Mesmo que de início ela ainda não leia fluentemente, mas ao longo do processo seus conhecimentos sobre o assunto serão aperfeiçoados.

Percurso Metodológico

A pesquisa é um trabalho muito importante para a construção do conhecimento. Segundo Matos (2002:21), "a pesquisa é a atividade principal da ciência que nos permite a aproximação e o entendimento da realidade que investigamos...".

Esta pesquisa acerca da leitura é de caráter qualitativo, visto que a temática em estudo requer dados que expressem qualidade, que poderão explicar com mais precisão os fatos. Para Minayo (1994:35), "a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências, com um nível de realidade que não pode ser quantificado".

Utilizei como instrumento de coleta de dados um teste de leitura realizado com todos os alunos. O teste apresentou-se como o mais sensato para esta pesquisa, pois segundo Gressler (1979:63), o mesmo possibilita a obtenção de amostras do comportamento humano baseando-se em procedimentos uniformes, além disso, sua função é ajudar a tomar decisões mais eficazes.

O teste foi composto por palavras e frases em ordem hierárquica, do mais simples para o mais complexo e contou com frases simples e complexas, um texto pequeno e outro mais complexo. Os alunos leram os textos em voz alta para que eu pudesse identificar o nível de leitura dos mesmos.

Registrei no caderno de campo as observações referentes à forma de leitura de cada um dos alunos anotando as alterações da leitura e procurando captar as idéias dos alunos sobre os textos lidos e as interpretações.

Após a realização dos testes, fiz a catalogação das informações que serviram de base para a análise. A referida análise deu-se com base nos referenciais teóricos acerca do processo de leitura e escrita.

Análise dos dados

Nesta parte do trabalho tentarei fazer uma análise dos níveis de leitura dos alunos do 3º ano do ensino fundamental.

O teste foi realizado tranquilamente. A maioria dos alunos se sentiu à vontade para realizá-lo. Apenas dois dos treze alunos resistiram um pouco, justificando que "não sabiam". No entanto, ao verem os outros fazerem o teste não mais hesitaram.

Ao realizar a leitura dos textos com os alunos pude observar que há uma heterogeneidade quanto ao nível de leitura e escrita. Cada criança possui características próprias que diferem uma da outra na apresentação do desenvolvimento em leitura.

Após a realização dos testes foi possível caracterizar que 69% dos alunos encontram-se no nível alfabético por terem autonomia ao ler, entendendo que as palavras são compostas por sílabas, que estas, por sua vez, podem ser compostas por mais de uma letra. Segundo Silva (1998:16) o nível alfabético

...se caracteriza pela correspondência entre fonemas e grafias. Existe a compreensão da escrita alfabética, onde todos os fonemas devem estar representados. A análise se aprimora e é possível a compreensão de que uma sílaba pode ter uma, duas ou três letras.

As crianças que se encontram nesse nível não encontram problemas para trabalhar com sílabas já que escrevem todos os fonemas das palavras entendendo que a vogal muda o som das consoantes e são capazes de escrever qualquer palavra nova ao fazer a operação de análise e síntese para a construção dessas palavras. Os erros nessa hipótese são basicamente ortográficos e "quando a criança descobre o sistema alfabético, ela ainda tem muito o que aprender sobre ortografia" (CARRAHER, 1986:56).

Apesar de atingirem esse grau da leitura, costumam ler da mesma forma como está escrito, sem atentar para os sons das vogais que se modificam de acordo com sua posição. Da mesma forma acontece com alguns escritos ao trocarem as vogais em algumas sílabas de algumas palavras, como por exemplo: 31% leem e escrevem "*molher*" em vez de [mulher]; ler

"jugado" em vez de [jogado], "fui" em vez de [foi]; em todas as frases e textos sempre ler o [e] e o [o] nas palavras com som aberto (*dé, ó, presenté, dó, longé, etc.*).

De acordo com Lemle (1998:30) "a lógica desses erros é sempre a mesma: falta a aprendizagem das restrições que a posição na palavra impõe a distribuição das letras e dos sons".

Para o aluno é complicado chegar a essa etapa. Para a autora é a fase "mais árdua" porque a criança aprende uma coisa que daqui a pouco não é mais aquilo que aprendeu e terá de enfrentar mais um conflito.

31% dos alunos que se encontram no nível alfabético, muitas vezes, pronunciam outra palavra no lugar daquela que está sendo lida, ora acrescentam, ora ocultam ou trocam consoantes nas palavras modificando a sua pronúncia. Por exemplo, na palavra [doença], ler "*doação*"; na palavra [mantém], ler "*mate*"; ler "*inverta*" em vez de [inventa], "*oupro*" em vez de [outro]; ler acrescentando muito a letra [n] onde não existe como em [mudado], ler "*mudando*", [craques], ler "*cranques*".

Uma explicação para isso é que, ao ler uma primeira vez palavras não muito usadas no cotidiano, tendem fazer uma leitura equivocada. Numa segunda tentativa, as mesmas palavras são lidas corretamente.

Os alunos desse nível, entretanto, apresentam dificuldades em relação à acentuação gráfica e pontuação que, às vezes, essas dificuldades são típicas da língua portuguesa uma vez que ainda estão em processo de aprendizagem.

Em relação à interpretação das frases e textos, todos que estão no nível alfabético têm dificuldades em explicar o que foi lido. Nas frases simples como "*Lugar de lixo é na lata*", todos relacionam a necessidade de utilizar o depósito para jogar lixo. Entretanto, nas frases mais complexas e nos textos os alunos apresentam dificuldade em expressar seu entendimento ou às vezes nem entendem.

A esse respeito, Koch (2007:28) cita Allende & Condermarim para informar que vários fatores que dificultam a compreensão da leitura:

Dentre os aspectos materiais que podem comprometer a compreensão, os autores citam: o tamanho e a clareza das letras, a cor e a textura do papel, o comprimento das linhas, a fonte empregada, a variedade tipográfica, constituição de parágrafos muito longos; e, em se tratando da escrita digital, a qualidade da tela e uso apenas de maiúsculas ou de minúsculas ou excesso de abreviações. Além dos fatores materiais, há fatores lingüísticos que podem dificultar a compreensão, tais como: o léxico; estruturas sintáticas complexas caracterizadas pela abundância de elementos subordinados; orações super-simplificadas, marcadas pela ausência de nexos para indicar relações de causa/efeito, espaciais, temporais; ausência de sinais de pontuação ou inadequação no uso desses sinais.

Nesse caso, a dificuldade de interpretação desses alunos está, em relação aos aspectos materiais, na extensão das frases. Quando eles centram exclusivamente sua atenção na leitura das palavras e esquecem o sentido e as informações que as palavras trazem. Além disso, na maioria das vezes não fazem pontuação e esta é a principal causa para não lhes permitir a compreensão do que foi lido.

31% dos alunos também estão no nível alfabético com algumas distinções dos 69% dos alunos que já foram citados. São capazes de ler e escrever um grande repertório de palavras com sílabas simples. No entanto, é perceptível a dificuldade em escrever palavras com sílabas complexas, como por exemplo, a palavra [ervilha] é uma palavra que eles não escrevem todas as letras correspondentes a cada sílaba; escrevem "evilha", "evira", ou "evila"; a palavra [revista] escrevem "revita", ou seja, eles omitem algumas letras para resolver o conflito. Ao escrever as palavras, eles param a cada sílaba pensando como a escreve.

Sobre a escrita de palavras complexas, Grossi (1990:26) diz que

"A compreensão de sílabas mais complexas, como as que compreendem grupos consonantais, é fruto de um esforço lógico de raciocínio e não de fixação mecânica por repetição perceptiva e reforço sócio-afetivo".

Para a criança superar esse conflito é necessário um esforço lógico por parte dela e do professor. Não adianta querer aprender por meio de técnicas onde a criança aprende artificialmente por meio da aprendizagem sem assimilação, da transmissão de conhecimentos prontos.

Grossi (1990) propõe a *diversificação do foco de interesse didático*, ou seja, trabalhar de forma variada uma necessidade didática. A produção de textos (cartas, bilhetes, cartões, jornal) é, segundo a autora, uma atividade essencial no processo de alfabetização, pois envolve reflexão constante. Considerando que o aluno é um ser pensante é preciso propor atividades variadas e que induzam e encorajem o aluno a julgar, refletir sobre o que está sendo escrito e lido por ele. As atividades devem estar relacionadas ao interesse do aluno e que estas sejam significativas para o mesmo.

15% dos alunos trocam o "m" pelo "n" nas palavras, como nas palavras [dama] e [martelo] escrevem "*dana*" e "*natelo*", ou seja, confundem o formato das letras. Para Lemle (1998:40) estes são *falhas de primeira ordem* que são "falhas decorrentes do conhecimento ainda inseguro do formato de cada letra". As letras "m" e "n" são letras que tem muita semelhança tanto na leitura quanto na escrita.

Em relação à leitura, esses 31% dos alunos alfabéticos têm a mesma dificuldade quanto às palavras complexas. Eles ainda não conseguem ler palavras com dígrafos e encontro consonantal. Mesmo nas palavras com sílabas simples leem muito lentamente, silabando, fazendo paradas a cada sílaba pronunciada e, muitas vezes, após ler toda a palavra não sabem o que leram. Algumas palavras, como "*capa*" e "*dama*", já bem conhecidas por eles e como são palavras com sílabas simples são lidas globalmente.

Segundo Lemle (1998:40):

Se o aprendiz ainda está na fase de dominar as capacidades prévias da alfabetização, as falhas cometidas são leitura lenta, com soletração de cada sílaba, e escrita com falhas na correspondência linear entre as sequências dos sons e as sequências das letras.

Pode-se deduzir, então, que esses alunos encontram-se em níveis diferentes em relação à leitura e a escrita. Na escrita são alfabéticos, mas na leitura apresentam nível silábico ou silábico alfabéticos. Essa característica confirma o que diz Grossi (1990) que a leitura e a escrita não percorrem juntos necessariamente.

De acordo com Grossi (1990:20):

Em função dessas características da estruturação do pensamento é que leitura e escrita são dois ramos distintos de um mesmo processo que não caminham necessariamente passo a passo. Encontramos sujeitos pré-silábicos na leitura (isto é, que lêem globalmente texto, frase ou palavra, sem nenhuma segmentação) e que ao mesmo tempo estão silábicos na escrita (associando uma sílaba oral a cada letra escrita); encontramos silábicos na escrita que estão alfabéticos na leitura, etc.

Por essas especificidades de cada criança na aprendizagem da leitura e escrita no processo de alfabetização, não há uma classe de alunos homogênea quanto a esses níveis. Dificilmente uma classe inteira avança igualmente no mesmo espaço de tempo. Cada criança aprende de uma forma, com tempos e jeitos diferentes quando se reconhece que a mesma é única e, portanto, não se pode equalizar o processo ensino-aprendizagem de todas as crianças.

Há uma heterogeneidade nos níveis de leitura dos alunos, pelas especificidades de cada um em relação à leitura e interpretação. Há uma variação nas etapas de decifração, entonação, leitura e interpretação do texto, portanto, o processo de alfabetização dos alunos está em fase inicial e a interpretação de palavras e frases é restrita.

Análise do estágio curricular

O presente texto objetiva registrar o desenvolvimento das atividades no período do Estágio do Curso de Pedagogia. Essa etapa e representou um desafio que me proporcionou varias experiências e saberes.

O referido estágio aconteceu na turma do 3º ano da E.M.E.F. João Lopes da Silva, localizada no Distrito de Ramada, município de São Francisco – PB. Desenvolvi meu estagio na turma onde sou professora titular. Isso foi um grande desafio porque me proporcionou fazer uma análise crítica e reflexiva sobre minha atuação profissional. Então, o trabalho teve várias dimensões, pois além de ministrar as aulas e seguir o curso do ano letivo, eu tinha que desenvolver o trabalho com o eixo condutor da minha pesquisa e me avaliar como professora.

O eixo condutor do meu trabalho monográfico foi a leitura. Por esse motivo, o trabalho em sala de aula torna-se complexo e desafiador. Seria preciso apresentar um projeto que contemplasse a aprendizagem dos conteúdos interdisciplinarmente e o aprendizado concomitante da leitura e interpretação de textos.

A cada dia do estágio me convencia que para se ter êxito na aprendizagem era preciso que os alunos dominassem a leitura. Ministrei os conteúdos numa perspectiva interdisciplinar utilizando textos e leitura dos mesmos fazendo a mediação em todas as disciplinas. Em relação às atividades trabalhadas em sala houve dramatizações de alguns textos lidos, produção textual individual e coletiva, trabalho com jogos, simulação de compras em supermercado para reconhecimento de cédulas e moedas do sistema monetário brasileiro e problematizar situações de compra e venda (estudando as operações fundamentais). Foram utilizados os rótulos e embalagens de produtos utilizados pelos alunos como forma de diversificar a leitura.

Para trabalhar o conteúdo de Ciências utilizei fábulas, poemas e outros textos relacionados a animais, além de trabalhos de pesquisa e colagem, ao mesmo tempo que era trabalhada a questão de pontuação nos textos.

Com a proximidade da data alusiva ao Dia da Criança, achei conveniente conduzir leituras referentes ao mundo da criança as quais abordaram temas como o *brincar*, o *direito ao lazer*, etc. Realizei com as crianças um passeio para o Centro Cultural Banco do Nordeste, em Sousa, onde lá os alunos puderam presenciar uma peça teatral. Após isso, em casa, cada aluno elaborou um texto relatando como foi o Dia da Criança para ele e na sala todos leram e, com isso, pudemos conversar e interagir com esses relatos.

Por ser a leitura o eixo condutor do estágio, foquei esta questão de forma principal. Através dos trabalhei os sinais de pontuação ao ler e interpretar, atentava para a importância na entonação da voz e da pontuação, para a compreensão de qualquer leitura. Além disso, em todas as ocasiões de leitura de textos solicitei que os alunos após ouvir ou ler os textos recontassem a história. O problema maior nesses momentos era conter e organizar as falas de cada um, pois todos queriam falar ao mesmo tempo. Então, sugeri que cada um recontava e o outro continuava e, assim deu certo.

A reação dos alunos foi a melhor possível: participaram ativamente das atividades, mostraram-se interessados. A rotina da sala de aula transformou-se. O quadro negro quase não foi utilizado durante o estágio porque utilizei outros recursos didáticos. É verdade que nem todos os alunos conseguem avançar. Sempre existe um ou outro que tem dificuldade e interesse de participar ou de fazer algumas atividades e, para estes, o avanço não foi tão significativo durante o estágio.

A leitura foi além do texto escrito. Os alunos aprenderam a ler mapas e localizar o município e a Paraíba no mapa do Brasil. Ficaram muito entusiasmados quando levei para a sala o mapa. Senti que foi significativo para eles, pois os mesmos não tinham noção nenhuma do que era o município, o Estado e o País. O foco do conteúdo a ser estudado era o município de São Francisco, desde a sua origem. Mas como trabalhar esse conteúdo se eles nem mesmo sabiam discernir o que era município? Por esse motivo, a primeira aula sobre o município tomou um rumo diferente na sala. Seria preciso compreender, primeiramente, o que significava cada palavra, para que a origem do município de São Francisco fosse estudada.

Em relação às aulas de Geografia no conteúdo sobre as paisagens foi muito interessante, pois os alunos demonstravam ter um conhecimento prévio sobre o assunto, só que o conhecimento que eles tinham era muito limitado, eles achavam que paisagem era apenas imagem de

plantas, uma imagem bonita de algum ambiente da natureza e, então fui questionando outros tipos de imagens que eles podiam ver ao redor da escola ou que eles podiam imaginar. E a aula foi muito divertida e proveitosa, pois fomos chegando nas transformações das paisagens feitas pelo homem e eles já foram dizendo dos prejuízos causados por essas transformações. O que me surpreendeu foi o fato de alguns alunos relatarem algumas experiências de destruição de animais e plantas vividas por eles mesmos. Enfim, o conteúdo sobre as paisagens rendeu bons resultados.

Associando a Geografia com a Arte pedi que fizessem como a imaginação mandasse e de acordo com o que tinham aprendido pintar uma paisagem qualquer. Para essa atividade utilizaram papel e tinta guache colorida que pra eles foi muito divertido.

Esse período funcionou como um reforço na prática de leitura uma vez que a mesma era restrita. Pude perceber que, apesar de em pouco tempo, eles desenvolveram bastante no tocante ao processo de leitura.

O período de Estágio representou um grande aprendizado. Compreendi que ministrar aulas criativas e dinâmicas voltadas para o interesse e as necessidades dos alunos demanda tempo, disposição, criatividade e muito trabalho. No entanto, o aprendizado é mais significativo, mais expressivo.

Tive a oportunidade de refletir sobre minha prática docente e contribuir para a melhoria da aprendizagem de leitura dos alunos respondendo positivamente aos objetivos e metas que tracei para este trabalho.

Considerações Finais

Desenvolver este trabalho foi para mim algo muito importante. Foi também muito difícil e um desafio do começo ao fim.

Compreendi melhor como se dá o processo de aquisição da leitura dos alunos que constituíram sujeitos deste trabalho. Conclui que esses alunos se encontram em diferentes níveis de aquisição de leitura. Trabalhei no sentido de diminuir essas diferenças, mas não consegui êxito total, até porque a aprendizagem não acontece de repente. O processo de alfabetização dos alunos está em fase inicial e ainda há muito para aprender de acordo com o nível de desenvolvimento de cada um.

Um dos meus aprendizados foi que ensinar a ler vai além de ensinar a decodificar letras. Significa ensinar a pensar, compreendendo o processo de aquisição da leitura como um desafio cognitivo a ser superado pelos alunos.

Alfabetizar crianças não é tarefa fácil. A heterogeneidade de uma sala de aula requer muito trabalho, criatividade e bom senso.

Acredito que, mesmo minimamente, contribuí para a melhor aprendizagem dos alunos. Alguns deles avançaram bastante no que diz respeito à leitura e no pensamento sobre aquisição dos signos linguísticos, bem como a interpretação.

A realização desta pesquisa foi de grande relevância para a minha formação docente. Arrisco dizer que minha prática educativa se divide em antes e depois desta pesquisa sobre a aquisição da leitura. Percebi que meus alunos também saíram com saldos positivos deste trabalho.

Referências bibliográficas

BRASIL, Parâmetros Curriculares nacionais: **Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997. p. 153-69.

FEIL, Iselda Terezinha Sausem. **Alfabetização: um desafio novo para novo tempo**. 7ª ed. Rio Grande do Sul. Vozes, 1985.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. **A escola e o ensino da leitura**. In: Psicologia em estudo. W.7, nº 1. Jan/jun. 2002. Acessado em 9/9/2008.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. 9ª ed. São Paulo. Cortez, 1993.

_____. **Com todas as letras**. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 1999. p. 15-36.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. Coleção Questões da Nossa Época. 24ª ed. São Paulo, Cortez, 1995.

FRANCHI, Eglê Pontes. **Pedagogia da alfabetização: da oralidade à escrita**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p.86-138.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 41ª ed. São Paulo. Cortez, 2001.

FULGÊNCIO, Lúcia. LIBERATO, Yara. **Um modelo de descrição da leitura**. In: Como facilitar a leitura. 3ª ed. São Paulo. Contexto, 1998.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática do Nível Silábico**. 4ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990.

_____. **Didática do Nível Alfabético**. 4ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990.

GRESSLER, Lori Alice. **Pesquisa Educacional**. São Paulo. Loyola, 1979.

KRAMER, Sônia (org.). **Alfabetização: dilemas da prática**. Rio de Janeiro. Dois Pontos, 1986.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 3ª ed. São Paulo. Ática, 1998.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Coleção Primeiros Passos. 18ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1994.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer**. 2ª ed. rev. e atual. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 2002.

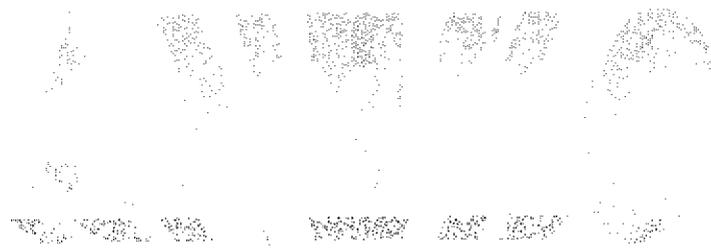
MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.) et. al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis-RJ. Vozes, 1993.

ORLANDI, Eni. **Leitura: o prazer de crescer**. São Paulo, Brasiliense:1983.

SILVA, Maria Alice S. Souza e. **Construindo a leitura e a escrita: reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização**. São Paulo. Ática, 1998.

SOARES, Magda. **O que funciona na alfabetização**. In: Revista Pátio. Ano XII nº 47. ago/out 2008.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In: *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1998.



PROJETO DE AÇÃO DOCENTE

Justificativa

O estágio é um período muito importante para a formação docente, visto que esse é o momento de participação no processo escolar a fim de participar da função docente. É um espaço de reflexão, de envolvimento e interação teoria/prática. Por isso,

deve-se atribuir valor e significado ao estágio supervisionado, considerado não um simples cumprimento de horas formais exigidas pela legislação, e sim um lugar por excelência para que o futuro professor faça a reflexão sobre sua formação e sua ação, e dessa forma possa aprofundar conhecimentos e compreender o seu verdadeiro papel e o papel da escola na sociedade. (BARREIRO, 2006:90)

O estágio deve contribuir no sentido de contemplar e atender a realidade dinâmica que acontece em sala de aula.

O estágio será realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Lopes da Silva, no Distrito de Ramada, município de São Francisco – PB, numa turma de 3º ano no turno da tarde que atende a treze alunos.

Na pesquisa realizada conclui que o processo de aprendizagem da leitura se dá de diferentes maneiras e em tempos diferentes para cada criança; Os dados revelaram que os alunos apresentam diferentes níveis de leitura, com especificidades particulares para ler, interpretar e outros ainda para escrever.

A partir desses dados elegi a leitura e a escrita como pressuposto para trabalhar com os alunos no decorrer do estágio, de forma a integrar as diferentes disciplinas do currículo na referida instituição.

Objetivos

- ✓ Proporcionar oportunidades de leitura;
- ✓ Desenvolver atividades diversas que supram as necessidades do nível de leitura de cada aluno;
- ✓ Melhorar o nível de leitura dos alunos nas diversas áreas do conhecimento;
- ✓ Realizar atividades de leitura e escrita de forma contextualizada;
- ✓ Integrar conteúdos das diversas disciplinas.

Metas

- ✓ Ler histórias no “cantinho da leitura” mostrando ilustrações e instigar comentários e perguntas dos alunos;
- ✓ Promover a produção de textos a partir de gravuras, relatos do dia-a-dia, quebra-cabeça de textos, textos coletivos, cartas, bilhetes, avisos, notícias de jornais e TV, revistas em quadrinhos, músicas etc.;
- ✓ Trabalhar com rótulos e embalagens;
- ✓ Promover autoditado com um cartaz com gravuras selecionadas, com dificuldade de grafia;
- ✓ Escrever a partir de um título, depois ler cada um a sua história;
- ✓ Escrever um final para uma história;
- ✓ Reorganizar frases de um texto;
- ✓ Elaborar cartões e jogos de sílaba inicial, intermediária e final;
- ✓ Elaborar jogo de dominó com nomes e sílabas;